

ESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA DO VALE DO PARANHANA E SUA RELAÇÃO COM O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO LOCAL

Resumo

O desenvolvimento econômico é uma preocupação constante entre pensadores, administradores e formuladores de políticas econômicas. O nível de desenvolvimento de uma cidade, região ou nação pode estar relacionado com a forma de organização de sua estrutura produtiva. Este trabalho objetiva analisar a relação entre a especialização produtiva e o desenvolvimento econômico da região do Vale do Paranhana. Seu ponto de partida é a análise da estrutura produtiva por meio da compreensão da distribuição do emprego na região, e a comparação de indicadores socioeconômicos relativos à saúde, educação e renda dos municípios que a compõem, com os de uma região de economia de características opostas (região da Serra Gaúcha), em termos de especialização ou centralização produtiva. Os resultados evidenciam a forte especialização produtiva da região do Vale do Paranhana no setor coureiro calçadista, e apontam para um viés que favorece a diversificação produtiva, indicando que na região do Vale do Paranhana os índices de desenvolvimento econômico são inferiores em relação aos apresentados na região da Serra Gaúcha.

Palavras-Chave: Desenvolvimento econômico. Centralização. Diversificação. Vale do Paranhana.

PRODUCTIVE SPECIALIZATION IN VALE DO PARANHANA AND ITS RELATION TO LOCAL ECONOMIC DEVELOPMENT

Abstract

Economic development has been a constant concern amongst thinkers, administrators, and formulators of economic policies. The level of development of a city, region or country might be related to the way its productive structure is organized. This paper aims at analyzing the relation between productive specialization the economic development in Vale do Paranhana region. Its starting point is the analysis of the productive structure through job distribution in the region, and the comparison of socioeconomic indicators regarding health, education and income of towns that make up the region to the ones in a region with opposite characteristics (Serra Gaúcha region) in terms of specialization and productive centralization. The results state a strong productive specialization in the leather/footwear sector in Vale do Paranhana region, and point out a bias that favors productive diversification, indicating, therefore, that in Vale do Paranhana region, and the economic development rates are lower than the ones collected in Serra Gaúcha region.

Keywords: economic development, centralization, diversification, Vale do Paranhana.

1 INTRODUÇÃO

Reflexões a respeito do desenvolvimento econômico são constantes e vem de longa data. Segundo Vieira (2013), o termo desenvolvimento econômico passou por diversas escolas de pensamento e com isso seu conceito tem se modificado ao longo dos anos. Conforme o autor, desenvolvimento econômico pode ser considerado o aumento da renda durante um longo período, ou o crescimento da renda per capita por certo período. Ou ainda, segundo o autor, na concepção atual, desenvolvimento econômico pode ser considerado o crescimento da renda relacionado com o bem-estar social da população, que pode ser medido por índices relacionados à renda, educação e saúde.

Dentro da perspectiva de desenvolvimento econômico, estudos (BREITBACH, 2005; DA JORNADA, 2002; PAIVA, 2006; TOIGO, 2014) buscam relacionar dois elementos, a especialização e a diversificação,¹ com o desenvolvimento das cidades e regiões.

Para Toigo (2014), quando as cidades possuem indústrias de ramos distintos, com atividades variadas, elas são consideradas de economia diversificada ou descentralizada, enquanto aquelas, onde um tipo de indústria, produto ou uma cadeia produtiva do mesmo segmento dominam o tecido econômico, são consideradas de economia especializada. De acordo com o pesquisador, existe uma certa discussão sobre a estrutura da atividade econômica das cidades e regiões, em que a questão principal é o entendimento de qual das economias é mais vantajosa, se especializada ou diversificada.

A partir destas considerações, este estudo tem como objetivo analisar a relação entre a especialização produtiva e o desenvolvimento econômico da região do Vale do Paranhana. Tendo como ponto de partida a análise da estrutura produtiva através da distribuição do emprego na região, e a comparação de indicadores socioeconômicos relativos à saúde, educação e renda dos municípios que a compõem, com os de uma região de economia de características opostas (região da Serra Gaúcha), em termos de especialização produtiva.

Tendo em vista que poucos estudos existem sobre o assunto na região, dos quais se destaca o estudo de Paiva (2006), acredita-se que esse diagnóstico poderá contribuir para a identificação de processos de desenvolvimento local, dando subsídio para auxiliar os governantes na criação, direcionamento e alavancagem das políticas públicas e investimentos para o desenvolvimento da região. Da mesma forma, também pode ajudar a minimizar as desigualdades, potencializando o melhor que cada cidade e região tem a oferecer.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Desenvolvimento econômico

A busca pelo entendimento de como uma nação ou região cresce ou se desenvolve vem de longa data. Conforme Bassan (2014), as discussões a respeito do crescimento surgem já na época dos mercantilistas e fisiocratas durante o final da alta Idade Média e início da

¹ Neste estudo, procura-se usar os termos *especialização e diversificação*, no entanto, na literatura sobre o assunto, esses podem ser substituídos por centralização e descentralização sucessivamente.

Idade Moderna, e acentuam-se com as mudanças econômicas no século XVIII e o surgimento do sistema capitalista.

Souza (1999) diz que, historicamente, o grande avanço econômico deu-se nos países geradores das inovações tecnológicas da Revolução Industrial. Porém, com a crise de 1930, essas nações precisaram intervir na economia buscando reduzir o desemprego e ajustar as consequências sociais geradas pela crise, que atingiram com maior intensidade os assalariados e as pequenas empresas. Percebeu-se, então, que a estabilidade econômica era indispensável para a ocorrência de um desenvolvimento que beneficiasse a todos, assim como era indispensável que o crescimento acompanhasse as necessidades de cada país, de cada região e de cada classe social.

Ainda segundo Souza (1999), o surgimento das teorias de desenvolvimento econômico está ligado a problemáticas como a concentração de riqueza em minorias e a distribuição desigual da renda, e começaram a ganhar bastante visibilidade nas obras de autores como Adam Smith e Joseph Schumpeter. As disparidades entre nações ricas e pobres tornam-se evidentes a partir do desenvolvimento econômico, da mesma forma que as desigualdades regionais, dentro de países desenvolvidos.

2.2 Crescimento X desenvolvimento econômico

O crescimento e desenvolvimento econômico são dois conceitos importantes, e que embora possam parecer ter o mesmo significado, na concepção atual não são exatamente sinônimos. Conforme Passos e Nogami (2011), os dois termos se combinam no progresso das nações, mas nunca podem ser definidos como sinônimos.

Conforme Souza (1999), enquanto o crescimento representa a simples variação quantitativa do Produto Interno Bruto (PIB) em termos globais e per capita ao longo do tempo, o processo de desenvolvimento envolve modificações estruturais qualitativas da sociedade, as quais devem resultar no modo de vida das pessoas, das instituições e da estrutura produtiva, juntamente com a melhoria do nível de vida do conjunto da população.

Conforme Vasconcellos e Garcia (1998, p. 205):

O desenvolvimento, em qualquer concepção, deve resultar do crescimento econômico acompanhado de melhoria na qualidade de vida, ou seja, deve incluir “as alterações da composição do produto e a alocação de recursos pelos diferentes setores da economia, de forma a melhorar os indicadores de bem-estar econômico e social (pobreza, desemprego, desigualdade, condições de saúde, alimentação, educação e moradia)” (VASCONCELLOS; GARCIA, 1998, p. 205).

Pode-se dizer, portanto, que o desenvolvimento abrange o crescimento econômico. Em outras palavras, não há desenvolvimento sem o crescimento. Porém, nem sempre quando há crescimento, pode ser considerado que existiu o desenvolvimento, uma vez que esse deve ser acompanhado também de melhorias nos indicadores de bem-estar geral da população.

Conforme Passos e Nogami (2009), o processo de crescimento, quando ocorre de forma isolada, pode acarretar desequilíbrios estruturais em uma economia, trazendo sérias dificuldades a seus governantes.

2.2.1 Indicadores de desenvolvimento econômico

Segundo Bassan (2014), atualmente já é possível identificar se existe crescimento ou desenvolvimento em uma cidade, região ou nação. De acordo com o autor, para a mensuração do crescimento, o mais usado é o índice do PIB, que é um indicador quantitativo diretamente relacionado à produção. Já para identificação do desenvolvimento econômico, é necessário utilizar variáveis relacionadas ao bem-estar de uma nação, como por exemplo, a expectativa de vida, a taxa de alfabetização, o saneamento básico, moradia, entre outros indicadores relacionados com o lado qualitativo do desenvolvimento.

Para avaliar a qualidade de vida de uma população dentro do conceito de desenvolvimento econômico, em 1990 foi criado o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). O índice nasceu para servir como uma medida alternativa de desenvolvimento em contraposição ao mero uso do Produto Interno Bruto dos países (TEBCHIRANI, 2011, p.161).

Oliveira (2013) afirma, por sua vez, que, dentro da busca de indicadores sociais confiáveis, que não expressem apenas os níveis de renda, mas também as condições de vida em geral da população, surge em 2003 o Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (Idese). Esse, primeiramente, esteve sob responsabilidade da Fundação de Economia e Estatística (FEE) e hoje está sob responsabilidade do Departamento de Economia e Estatística (DEE).

2.2.1.1 Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (Idese)

“O IDESE - Índice de Desenvolvimento Socioeconômico, elaborado pela FEE - Fundação de Economia e Estatística, é um índice sintético destinado a medir o grau de desenvolvimento dos municípios do Rio Grande do Sul.” (ATLAS SOCIOECONÔMICO RIO GRANDE DO SUL, 2019).

Conforme a FEE (2019), o Idese define-se como um indicador-síntese destinado a mensurar o nível de desenvolvimento dos municípios do Estado. Seu objetivo é acompanhar a evolução dos indicadores socioeconômicos dos municípios gaúchos, assim como fornecer dados e informações que possam servir para o desenvolvimento de políticas públicas, específicas para cada cidade ou região (FEE, 2015).

A FEE diz ainda que “o Idese avalia a situação socioeconômica dos municípios gaúchos quanto à educação, à renda e à saúde, considerando aspectos quantitativos e qualitativos do processo de desenvolvimento” (FEE, 2019). Ademais, segundo a própria entidade responsável, o Idese é composto por 12 indicadores divididos em três blocos: Educação, Renda e Saúde.

O Bloco Educação utiliza cinco indicadores, que se dividem em quatro sub-blocos, de acordo com faixas etárias: (1.1) população entre quatro e cinco anos (pré-escola); (1.2) população entre seis e quatorze anos (ensino fundamental); (1.3) população entre quinze e dezessete anos (ensino médio); e (1.4) população com dezoito anos ou mais (escolaridade adulta). À exceção do sub-bloco 1.2, os demais são compostos por indicadores de matrícula ou escolarização. O sub-bloco 1.2, relacionado às crianças com idade entre seis e quatorze anos, diferencia-se dos outros por ser o único composto por dois indicadores de qualidade no ensino fundamental (EF). O índice final do Bloco Educação é a média aritmética dos índices desses sub-blocos.

O Bloco Renda é composto por dois sub-blocos, que analisam a renda por duas óticas distintas: (2.1) apropriação de renda; e (2.2) geração de renda. Cada sub-bloco contém apenas um indicador. O índice final do Bloco Renda é a média aritmética dos seus sub-blocos.

Por fim, o Bloco Saúde utiliza cinco indicadores, que são divididos em três sub-blocos: (3.1) saúde materno-infantil; (3.2) condições gerais de saúde; e (3.3) longevidade. O índice final do Bloco Saúde é a média aritmética dos índices desses sub-blocos. No primeiro sub-bloco, estão inseridos dois indicadores: (3.1.1) taxa de mortalidade de menores de cinco anos; e (3.1.2) números de consultas pré-natais por nascidos vivos. O segundo sub-bloco, condições gerais de saúde, é constituído, por sua vez, pelos indicadores: (3.2.1) taxa de mortalidade por causas evitáveis e (3.2.2) proporção de óbitos por causas mal definidas. O indicador (3.3.1) taxa de mortalidade bruta padronizada completa o Bloco Saúde, ao formar o sub-bloco longevidade.

Segundo o Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul (2019), para cada uma das variáveis que formam os blocos, é calculado um índice que varia de 0 (sem desenvolvimento) a 1 (desenvolvimento total), que indica a posição relativa de todos os municípios do Estado. O índice final de cada bloco é a média aritmética dos valores das variáveis correspondentes. Ainda conforme o mesmo, “considera-se a classificação do índice em alto (acima de 0,800), médio (entre 0,500 e 0,799) e baixo (abaixo de 0,499) nível de desenvolvimento.” (ATLAS SOCIOECONÔMICO RIO GRANDE DO SUL, 2019).

2.3 Economias de especialização e diversificação

Segundo Toigo (2014), em termos de economia regional, devido ao fato da proximidade geográfica, existe uma tendência de que cidades vizinhas tenham estruturas produtivas parecidas, gerando conseqüentemente um desenvolvimento econômico semelhante.

Ainda, conforme o autor, as cidades ou regiões podem apresentar estruturas produtivas de dois tipos: especializada, quando as estruturas produtivas de uma cidade ou região são dominadas por um tipo de produto ou então por uma cadeia produtiva do mesmo segmento, ou diversificada, quando o setor produtivo abrange vários segmentos.

Como exemplos das duas situações, é possível citar a região da Serra Gaúcha, considerada descentralizada, e as regiões do Vale dos Sinos e do Vale do Paranhana, consideradas especializadas, de acordo com os estudos de Breitbach (2005) e Paiva (2006).

Dentro da perspectiva de especialização produtiva, estudos (DALBERTO et al, 2016; TOIGO, 2014;), consideram que esta adveio da teoria marshalliana, onde o autor sugeria que a acumulação e concentração de empresas, difunde o conhecimento, criando um tipo de “atmosfera” industrial favorável, proporcionando difusão de inovação e aumento de escala produtiva, gerando assim desenvolvimento econômico.

Segundo Marshall (1982 apud DALBERTO; CIRINO; STADUTO, 2016, p. 146) quando, em certas localidades, existe a concentração de indústrias especializadas, como conseqüência se tem a criação de um mercado de trabalho com mão de obra também especializada, sendo esse outro ponto favorável. Além disso, com indivíduos que possuem a mesma profissão e conhecimentos técnicos especializados, esse mercado constante para a mão-de-obra especializada se depara com alto poder de empregabilidade, pois os empregadores sempre disporiam de uma boa seleção de indivíduos dotados da especialização na área.

Conforme Britto (2000), esses sistemas centralizados, também chamados de *Clusters*, se referem a um arranjo em que um conjunto de empresas e instituições concentradas em um espaço geográfico criam relações verticais que compreendem diferentes estágios de uma cadeia produtiva, ou horizontais, que envolvem o intercâmbio de fatores, conhecimentos e informações entre empresas similares ou interligadas de alguma forma. Como exemplo de interligação horizontal, pode-se citar o Vale dos Sinos, que, segundo dados apresentados em Breitbach (2005), indústrias de plástico e borracha, dentre outras, surgiram em função da indústria calçadista e ainda permanecem interligadas a elas.

Segundo Garcia (2006), estas aglomerações de empresas do mesmo segmento facilitam também a geração de novas ideias e desenvolvimento de novas tecnologias, que incrementadas a sua capacidade produtiva, são capazes de prover vantagens competitivas, que não estariam disponíveis se eles estivessem atuando isoladamente. Conforme o autor, são exemplos de sucesso dentro deste contexto o *Silicon Valley*, na Califórnia, e as distritos industriais chamados de Terceira Itália.

Já para Jacobs (1969 apud DALBERTO; CIRINO; STADUTO, 2016) os ganhos tendem a se espalhar para indústrias de ramos diferentes, estimulando a diversificação das atividades. Há o entendimento de que a diversificação da atividade econômica opera como um fator de proteção frente às oscilações da conjuntura, o que garante um desempenho econômico positivo. Nesse raciocínio, a diversificação funcionaria como uma salvaguarda: se determinado segmento produtivo vai mal, em decorrência de crises em mercados específicos, outros têm condições de compensar essas dificuldades, sustentando o nível da atividade econômica e, conseqüentemente o nível do emprego.

Ainda segundo Jacobs (1969 apud VALENTINI e FORCHEZATTO, 2010), as atividades econômicas crescem relativamente mais em locais mais diversificados. Considerando que a transmissão dos *spillovers* de conhecimento ocorre entre firmas de diferentes indústrias e que, portanto, a diversidade potencializa o que os autores chamam de *cross-fertilization* de ideias.

2.4.1 Graus de diversificação/especialização

De acordo com Toigo (2014), a medida mais simples para mensurar a especialização de uma cidade em um determinado setor é quantificar a participação deste setor no mercado de trabalho local. Já Breitbach (2005) diz que para conhecer os índices de diversificação ou especialização de uma região, usa-se de duas maneiras: a primeira privilegia a análise da região em relação a ela mesma, enquanto a segunda situa a região num contexto mais amplo.

O Quociente Locacional (QL) é o instrumento mais adequado para demonstrar isso. Segundo Paiva (2009), o Quociente Locacional é calculado da seguinte forma:

E_{ij} = emprego do setor i na região j ;

ET_j = emprego total (em todos os setores considerados) na região j ;

E_{iT} = emprego do setor i em todas as regiões;

ETT = emprego total em todas as regiões.

Então: $QL = (E_{ij}/ET_j) / (E_{iT}/ETT) = (E_{ij}/E_{iT}) / (ET_j/ETT)$

Ainda segundo o autor:

O Quociente Locacional busca expressar a importância comparativa de um segmento produtivo para uma região vis-à-vis à macrorregião na qual aquela está inserida. Mais especificamente, ele busca traduzir “quantas vezes mais” (ou menos)

uma região se dedica a uma determinada atividade vis-à-vis ao conjunto das regiões que perfazem a macrorregião de referência. Usualmente (mas não obrigatoriamente!), utiliza-se a participação percentual do emprego num determinado setor como medida de importância ou de dedicação a uma certa atividade (PAIVA, 2007, p. 92).

Breitbach (2005) afirma ainda que o quociente locacional compara a participação percentual de uma região em um setor particular com a participação percentual da mesma região no total do emprego em uma proporção de espaço maior (estado ou nação). Os resultados do quociente locacional são interpretados da seguinte forma:

Se $QL = 1$: o setor i tem a mesma importância relativa na região e no estado;

Se $QL > 1$: o setor i é relativamente mais importante na região do que no estado;

Se $QL < 1$: o setor i é relativamente mais importante no estado que na região.

Conforme Scherer e Moraes (2012), a análise locacional serve para extinguir as perturbações estatísticas originárias de regiões de tamanhos diferentes. Ainda segundo os autores, o QL indica a concentração relativa de determinado setor produtivo em uma região, em comparação com outra maior. Quanto maior for o valor do QL, maior é a especialização da região no referido ramo.

2.5 O Vale do Paranhana: um olhar sobre a região

A região do Vale do Paranhana é composta por seis municípios localizados próximos ao Rio Paranhana, afluente do Rio dos Sinos. De acordo com os critérios utilizados pelo Conselho Regional do Vale do Paranhana, os municípios que compõem a região são: Igrejinha, Parobé, Riozinho, Rolante, Taquara e Três Coroas (WIKIPEDIA, 2019)

Segundo Bassan (2014), a Região do Vale do Paranhana é conhecida, assim como a região do Vale dos Sinos, pela produção de calçados e concentração de grandes indústrias do setor. Galvão (1999) explica que a região do Vale do Paranhana desenvolveu-se em concomitância com a região do Vale dos Sinos, mas com ritmo bem mais lento. Conforme o autor, a expansão e o sucesso da região do Vale dos Sinos serviu de alavancagem para o processo de desenvolvimento da região do Vale do Paranhana, pois o relativo encarecimento da mão-de-obra da primeira levou muitas empresas a estabelecerem filiais nas cidades vizinhas, como Três Coroas, Igrejinha, Taquara, Parobé, Rolante e Riozinho — ou seja, no Vale do Paranhana. Conforme detalha Galvão (1999, p. 19):

Até o início dos anos 70, a atividade que se destacava nessa região era a agropecuária, e a industrialização ainda era muito incipiente. A partir da década de 70, começa a se desenvolver o setor coureiro-calçadista, como decorrência da expansão desse setor no Vale dos Sinos (Novo Hamburgo, Sapiranga e Campo Bom). Foi então instalado grande número de empresas integrantes do complexo coureiro calçadista no Vale do Paranhana e Encosta da Serra. O setor industrial passa a ser o centro gerador de renda (GALVÃO, 1999, p.19).

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da pesquisa

Este estudo objetiva analisar, através de dados secundários, a relação entre a especialização produtiva e o desenvolvimento econômico da Região do Vale do Paranhana. Seu ponto de partida é a análise da estrutura produtiva através da distribuição do emprego na região, e a comparação de indicadores socioeconômicos relativos à saúde, educação e renda dos municípios que a compõem, com os de uma região de economia de características opostas (Região da Serra Gaúcha), em termos de especialização ou centralização produtiva.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa descritiva. Segundo Gil (2008), as pesquisas descritivas têm como finalidade principal descrever as características de determinado fenômeno ou população, ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

A abordagem metodológica usa os métodos qualitativos e quantitativos. Para Gil (2008), a pesquisa qualitativa propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando o que é comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos. Goldenberg (1997) diz que pesquisa qualitativa não aborda representatividades numéricas, mas procura se aprofundar na compreensão do objeto de pesquisa.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e documental. Conforme Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Ainda segundo o autor, a pesquisa documental, recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais.

3.2 Coleta, tratamento e análise dos dados

Para a elaboração do estudo, foram utilizados dados secundários obtidos juntos ao Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), através da Relação Anual de Atividades Sociais (RAIS), da Fundação de Economia e Estatística (FEE) e do Departamento de Economia e Estatística (DEE). Conforme o Quadro 01, abaixo:

Quadro 01 – Dados e Fontes

DADOS	FONTES
Distribuição do emprego por gênero industrial [2016]	Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), Relação Anual de Atividades Sociais (RAIS)
População [2016]	Fundação de Economia e Estatística (FEE)
Índice IDESE (Educação, Renda e Saúde) [2016]	Departamento de Economia e Estatística (DEE)

Fonte: Elaborado pelos autores.

A elaboração da pesquisa foi realizada em três etapas:

Primeira etapa: seguindo a mesma linha dos trabalhos de Breitbach (2005) e Paiva (2006), foram levantados dados referentes ao fator emprego na indústria de transformação da Região

do Vale do Paranhana, a fim de reafirmar e atualizar os dados relativos a especialização produtiva, já apresentados por Paiva (2006). Esses dados foram agrupados e analisados, usando como instrumento de análise regional o “quociente locacional” (QL). Destaca-se que o mesmo não foi realizado para a Região da Serra, uma vez que os estudos dos autores Breitbach (2005) e Paiva (2006), já evidenciam sua descentralização.

Segunda etapa: levantamento de informações referentes aos aspectos socioeconômicos das duas regiões.

Terceira etapa: análise confrontando os dados das estruturas produtivas com os indicadores socioeconômicos das duas regiões.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Estrutura produtiva do Vale do Paranhana

A análise dos resultados centra-se, inicialmente, nos cálculos dos índices de especialização da região do Vale do Paranhana, apresentando dados atualizados, com o intuito de demonstrar a permanência da especialização produtiva da região em um determinado setor, conforme ilustrado por Paiva (2006).

Para isso, foi utilizada a mesma metodologia empregada por Breitbach (2005): tomar o emprego industrial, segundo a RAIS, por município e por gênero, calculando a participação de cada gênero do total da indústria do município, podendo assim caracterizar seu perfil industrial do ponto de vista intra-regional. Como critério para o agrupamento das atividades, utilizou-se como base a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) versão 2.0, onde foram considerados os 24 subsetores da indústria de transformação. Os resultados são apresentados nas Tabelas 1 e 2, e na Figura 1.

Tabela 1 - Distribuição do emprego formal, número de trabalhadores por subsetores da indústria de transformação, no Vale do Paranhana – 2016

Atividade/subsetores	Igrejinha	Parobé	Riozinho	Rolante	Taquara	Três Coroas	TOTAL
Fabricação de produtos alimentícios	63	671	16	106	361	10	1227
Fabricação de bebidas	560	2	0	1	0	0	563
Fabricação de produtos do fumo	0	2	0	0	0	0	2
Fabricação de produtos têxteis	276	14	0	1	307	182	780
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	323	61	3	20	112	3	522
Prep. de couros, fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	5900	6807	914	4152	1495	5600	24868
Fabricação de produtos de madeira	11	13	114	112	69	7	326
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	58	131	0	0	3	347	539
Impressão e reprodução de gravações	18	43	0	2	9	42	114
Fabricação de coque, de prod. derivados do petróleo e de biocombustíveis	0	4	0	0	0	0	4
Fabricação de produtos químicos	26	7	0	0	66	5	104
Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos	0	0	0	0	10	0	10
Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	394	299	0	12	222	433	1360
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	25	21	7	74	124	24	275
Metalurgia	3	33	0	4	23	0	63

Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	154	186	162	24	61	55	642
Fabricação de equipamentos de informática, prod. eletrônicos e ópticos	0	0	0	0	4	24	28
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	1	1	0	0	23	0	25
Fabricação de máquinas e equipamentos	85	47	0	21	64	0	217
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	0	0	0	0	1	0	1
Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	33	26	2	41	47	13	162
Fabricação de móveis	4	3	0	0	6	0	13
Fabricação de produtos diversos	4	23	0	24	33	6	90
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	3	17	0	5	11	4	40
TOTAL	7941	8411	1218	4599	3051	6755	31975

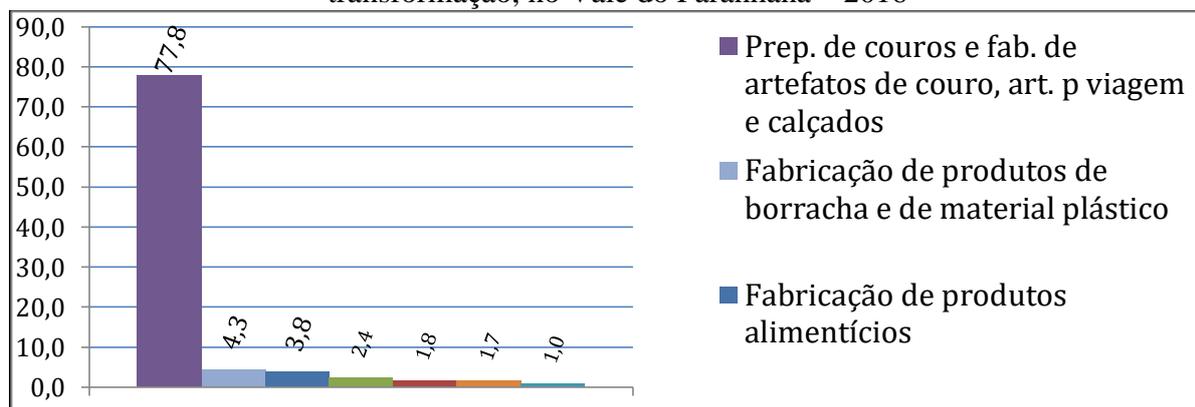
Fonte: RAIS (2016).

Tabela 2 - Distribuição percentual (%) do emprego formal, por subsetores da indústria de transformação, na Região do Vale do Paranhana – 2016

Atividade/subsetores	Igrejinha	Parobé	Riozinho	Rolante	Taquara	Três Coroas	TOTAL
Fabricação de produtos alimentícios	0,8	8,0	1,3	2,3	11,8	0,1	3,8
Fabricação de bebidas	7,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,8
Fabricação de produtos do fumo	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Fabricação de produtos têxteis	3,5	0,2	0,0	0,0	10,1	2,7	2,4
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	4,1	0,7	0,2	0,4	3,7	0,0	1,6
Prep. de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	74,3	80,9	75,0	90,3	49,0	82,9	77,8
Fabricação de produtos de madeira	0,1	0,2	9,4	2,4	2,3	0,1	1,0
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	0,7	1,6	0,0	0,0	0,1	5,1	1,7
Impressão e reprodução de gravações	0,2	0,5	0,0	0,0	0,3	0,6	0,4
Fabricação de coque, de prod. derivados do petróleo e de biocombustíveis	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Fabricação de produtos químicos	0,3	0,1	0,0	0,0	2,2	0,1	0,3
Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0
Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	5,0	3,6	0,0	0,3	7,3	6,4	4,3
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	0,3	0,2	0,6	1,6	4,1	0,4	0,9
Metalurgia	0,0	0,4	0,0	0,1	0,8	0,0	0,2
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	1,9	2,2	13,3	0,5	2,0	0,8	2,0
Fabricação de equipamentos de informática, prod. eletrônicos e ópticos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,4	0,1
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,8	0,0	0,1
Fabricação de máquinas e equipamentos	1,1	0,6	0,0	0,5	2,1	0,0	0,7
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	0,4	0,3	0,2	0,9	1,5	0,2	0,5
Fabricação de móveis	0,1	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0
Fabricação de produtos diversos	0,1	0,3	0,0	0,5	1,1	0,1	0,3
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	0,0	0,2	0,0	0,1	0,4	0,1	0,1
TOTAL	100,0						

Fonte: RAIS (2016).

Figura 1 - Distribuição percentual (%) do emprego formal, por subsectores da indústria de transformação, no Vale do Paranhana – 2016



Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao analisar as seis cidades pertencentes a Região do Vale do Paranhana, conforme Tabelas 1 e 2, e Figura 1, é possível verificar que todas elas possuem uma grande dependência econômica no setor coureiro calçadista. O que em termos gerais, faz com que a região seja considerada de economia especializada no ponto de vista intra-regional.

A distribuição do emprego formal por subsectores industriais demonstrou que este setor (prep. de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados) é responsável por 77,8% do pessoal empregado na região. Os outros segmentos que compõem o quadro de empregos, e que possuem uma menor relevância são: a indústria de produtos de borracha e de material plástico (4,3%) e de fabricação de produtos têxteis (2,4%) - cabe ressaltar que esses segmentos também tem uma relação direta com o setor coureiro calçadista, pois envolvem a produção de componentes para calçados; a indústria de produtos alimentícios é responsável por 3,8% dos empregos na região. Outros segmentos ainda compõem o quadro, mas de forma menos significativa (Tabelas 1, 2 e Figura 1).

Na sequência, com o objetivo de examinar o que representa a especialização industrial da Região do Paranhana no contexto do Estado do Rio Grande do Sul, passa-se a trabalhar com o instrumento de análise regional chamado “quociente locacional” (QL). A Tabela 3 expressa a especialização de cada uma das cidades e da região através do peso de cada setor produtivo no conjunto da indústria do Estado.

Tabela 3 - Quocientes Locacionais subsectoriais do Vale do Paranhana – 2016

Atividade/subsetores	Igrejinha	Parobé	Riozinho	Rolante	Taquara	Três Coroas	TOTAL
Fabricação de produtos alimentícios	0,12	1,24	0,23	0,37	0,79	0,03	0,54
Fabricação de bebidas	10,34	0,04	0,00	0,03	0,00	0,00	2,38
Fabricação de produtos do fumo	0,00	0,15	0,00	0,00	0,00	0,00	0,04
Fabricação de produtos têxteis	5,34	0,26	0,00	0,03	6,73	4,70	3,46
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	2,56	0,46	0,18	0,29	1,01	0,03	0,95
Prep. de couros e fab. de artefatos de couro, art. p viagem e calçados	12,41	13,72	14,42	15,76	3,56	15,71	11,99
Fabricação de produtos de madeira	0,26	0,30	20,51	4,85	1,88	0,22	1,79
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	1,25	2,70	0,00	0,00	0,07	9,96	2,66
Impressão e reprodução de gravações	0,55	1,25	0,00	0,11	0,31	1,70	0,79

Fab. de coque, de prod. derivados do petróleo e de biocombustíveis	0,00	1,50	0,00	0,00	0,00	0,00	0,36
Fabricação de produtos químicos	0,36	0,09	0,00	0,00	1,04	0,09	0,33
Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,49	0,00	0,10
Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	2,64	1,92	0,00	0,15	1,69	3,88	2,09
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	0,31	0,25	0,65	1,67	1,75	0,40	0,79
Metalurgia	0,05	0,51	0,00	0,12	0,42	0,00	0,23
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	0,66	0,76	5,21	0,19	0,30	0,31	0,63
Fab. de equipamentos de informática, prod. eletrônicos e ópticos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,15	1,05	0,21
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	0,03	0,02	0,00	0,00	0,66	0,00	0,15
Fabricação de máquinas e equipamentos	0,36	0,19	0,00	0,16	0,31	0,00	0,21
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00
Fab. de outros equip. de transporte, exceto veículos automotores	0,25	0,19	0,11	0,56	0,40	0,13	0,28
Fabricação de móveis	0,10	0,07	0,00	0,00	0,16	0,00	0,07
Fabricação de produtos diversos	0,09	0,47	0,00	0,93	0,80	0,17	0,44
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	0,06	0,31	0,00	0,17	0,24	0,10	0,18

Fonte: RAIS (2016).

A Tabela 3 apresenta os índices de QLs da região do Vale do Paranhana, que mostra o quanto, ou quantas vezes, um determinado setor é mais (ou menos) importante para a região analisada (Vale do Paranhana), em relação ao Rio Grande do Sul. O índice deste quociente expressa o grau de concentração desse gênero na região, tendo como referência o Estado, ou seja, demonstra o quanto dos empregos do setor calçadista do Estado está concentrado na região do Vale do Paranhana. Neste sentido, os dados apresentados demonstram que a região do Vale do Paranhana é especializada no setor coureiro-calçadista também no aspecto extra-regional, uma vez que o setor de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados apresenta o QL total de 11,99, bem superior a unidade base, e aos outros setores da indústria de transformação.

Além desses, outros setores apresentam QL superior a 1: O setor de fabricação de produtos têxteis (QL 3,46), que em parte, também produz produtos ligados ao calçados, como bordados, linhas, tecidos, etc.; o setor de fabricação de celulose, papel e produtos de papel (QL 2,66), que também está atrelado, de certa forma, ao setor coureiro-calçadista, pois a indústria do papel na região, em grande parte destina-se a produção de embalagens para calçados; o setor de Fabricação de bebidas (QL 2,38), que tem um quociente expressivo por conta da existência de uma grande indústria cervejeira, de relevância nacional, em Igrejinha; o setor de fabricação de produtos de borracha e de material plástico (QL 2,09), que pode ser considerada uma indústria atrelada a cadeia produtiva do calçado, pois a maioria das indústrias deste setor produz solados, saltos, e enfeites para calçados; e ainda, o setor de fabricação de produtos de madeira (QL 1,79), que tem uma forte representatividade devido a região ter uma área territorial extensa, que fora usada para o plantio de madeira, fazendo com que haja uma grande concentração de madeiras na região.

4.2 Análise do desenvolvimento socioeconômico da Região do Vale do Paranhana

A segunda parte dos resultados compreende a análise dos indicadores socioeconômicos dos municípios que compõem a região do Vale do Paranhana, comparando-os com dados da região da Serra Gaúcha. O objetivo é analisar as diferenças entre os dados socioeconômicos de uma região considerada especializada, e de outra considerada diversificada. Os dados usados foram extraídos do último relatório divulgado pelo IDESE (FEE), no ano de 2016.

Tabela 4 - Índice de desenvolvimento socioeconômico – Vale do Paranhana [2016]

Cidade	População Total	Bloco Educação		Bloco Renda		Bloco Saúde		IDESE	
		Índice	Ranking	Índice	Ranking	Índice	Ranking	Índice	Ranking
Igrejinha	33.646	0,695	336°	0,739	124°	0,822	349°	0,752	227°
Três Coroas	25.904	0,718	269°	0,687	223°	0,821	353°	0,742	260°
Rolante	20.766	0,732	208°	0,644	298°	0,83	312°	0,735	287°
Taquara	58.695	0,724	240°	0,632	327°	0,805	403°	0,72	337°
Riozinho	4.211	0,631	457°	0,628	334°	0,843	260°	0,701	385°
Parobé	54.299	0,676	390°	0,573	419°	0,791	444°	0,68	436°
Total	197.521								
Média		0,696		0,651		0,819		0,722	

Fonte: Idese RS (2016).

Tabela 5 - Índice de desenvolvimento socioeconômico – Serra Gaúcha [2016]

Cidade	População Total	Bloco Educação		Bloco Renda		Bloco Saúde		IDESE	
		Índice	Ranking	Índice	Ranking	Índice	Ranking	Índice	Ranking
Antônio Prado	13.013	0,792	43°	0,785	67°	0,899	31°	0,825	27°
Bento Gonçalves	119.723	0,772	90°	0,816	35°	0,893	45°	0,827	25°
Boa Vista do Sul	3.015	0,717	272°	0,668	257°	0,885	74°	0,757	215°
Carlos Barbosa	28.793	0,829	6°	0,913	2°	0,909	12°	0,884	1°
Caxias do Sul	469.604	0,74	181°	0,785	66°	0,88	93°	0,802	71°
Coronel Pilar	1.691	0,722	250°	0,677	239°	0,912	11°	0,77	168°
Cotiporã	3.828	0,785	58°	0,73	133°	0,907	17°	0,807	58°
Fagundes Varela	2.694	0,792	44°	0,73	132°	0,895	37°	0,806	61°
Farroupilha	69.034	0,81	15°	0,775	79°	0,883	82°	0,823	30°
Flores da Cunha	29.825	0,756	135°	0,801	48°	0,89	55°	0,816	37°
Garibaldi	34.141	0,778	73°	0,861	13°	0,874	120°	0,838	8°
Guabiju	1.615	0,767	106°	0,842	20°	0,888	63°	0,833	13°
Guaporé	25.403	0,77	96°	0,728	136°	0,893	43°	0,797	83°
Montauri	1.575	0,741	175°	0,783	71°	0,874	119°	0,799	75°
Monte Belo do Sul	2.724	0,797	32°	0,746	113°	0,89	53°	0,811	49°
Nova Araçá	4.827	0,806	21°	0,862	12°	0,926	2°	0,865	3°
Nova Bassano	9.002	0,75	147°	0,863	11°	0,899	29°	0,838	9°
Nova Pádua	2.594	0,779	70°	0,679	233°	0,924	3°	0,794	92°
Nova Prata	25.170	0,785	56°	0,769	90°	0,863	170°	0,806	62°
Nova Roma do Sul	3.639	0,732	211°	0,811	42°	0,933	1°	0,825	28°
Paráí	7.363	0,777	75°	0,789	62°	0,914	7°	0,827	26°
Pinto Bandeira	3.014	0,644	443°	0,556	434°	0,914	8°	0,705	376°
Protásio Alves	2.124	0,746	162°	0,708	182°	0,886	69°	0,78	126°

Santa Tereza	1.756	0,713	288°	0,681	229°	0,891	50°	0,762	200°
São Jorge	2.707	0,818	9°	0,726	140°	0,918	5°	0,821	32°
São Marcos	21.407	0,81	17°	0,708	183°	0,877	102°	0,798	81°
São Valentim do Sul	2.417	0,754	138°	0,67	248°	0,904	22°	0,776	142°
Serafina Corrêa	16.064	0,782	65°	0,74	122°	0,898	32°	0,807	59°
União da Serra	1.400	0,761	123°	0,82	32°	0,848	238°	0,81	52°
Veranópolis	24.120	0,841	3°	0,822	27°	0,881	90°	0,848	5°
Vila Flores	3.426	0,701	322°	0,739	123°	0,884	79°	0,775	149°
Vista Alegre	2.801	0,736	199°	0,804	44°	0,907	14°	0,816	38°
Total	940.509								
Média		0,766		0,762		0,895		0,808	

Fonte: Idese RS (2016).

Calculado a partir de uma combinação de dados sobre saúde, educação e renda, o Idese considera aspectos quantitativos e qualitativos do processo de desenvolvimento. Esse índice varia de 0 (pior situação) a 1 (melhor situação) (FEE, 2018). Conforme se pode verificar nas Tabelas 4 e 5, comparando os indicadores socioeconômicos das duas regiões fica explícito que o fator desenvolvimento socioeconômico é mais relevante na região da Serra.

No desempenho do índice geral do IDESE, a região da Serra apresenta o índice médio de 0,808, enquanto o índice médio da região do Vale do Paranhana é de 0,722. Conforme a classificação vigente, a região da Serra apresenta nível alto de desenvolvimento, considerando-se a demarcação dos níveis segundo a FEE (2019) em alto (maior ou igual a 0,800), médio (entre 0,500 e 0,799) e baixo (abaixo de 0,499), enquanto que a região do Vale do Paranhana encontra-se em nível médio. Ainda, se observarmos também as cidades individualmente, todas as cidades da Serra, exceto Pinto Bandeira, apresentam índices superiores as seis cidades da região do Vale do Paranhana.

Cabe ressaltar que o estudo analisa regiões diferentes em termos de população e número de municípios, o que, de certa forma, pode influenciar na comparação entre os indicadores.

Observando as posições no ranking estadual, quando são comparadas com todas as 497 cidades que compõem o Rio Grande do Sul, observa-se que vinte e cinco das trinta e duas cidades da Serra estão entre as 100 melhores colocadas no estado, estando cinco dessas, entre as dez primeiras do ranking: Carlos Barbosa em (1° lugar); Nova Araçá (3° lugar); Veranópolis (5° lugar); Garibaldi (8° lugar); Nova Bassano (9° lugar). Por outro lado, na região do Vale do Paranhana, as duas cidades mais bem colocadas são: Igrejinha, que ocupa o 227° lugar, e Três Coroas, em 260° lugar.

Com os dados apresentados, é possível analisar especificamente cada um dos indicadores que compõem o cálculo do IDESE, chegando a várias conclusões no que diz respeito a saúde, educação e renda.

O setor saúde, pode ser visto como o que apresenta o melhor desempenho nas duas regiões durante o período analisado. A região da Serra apresenta o índice de saúde médio de 0,895, enquanto o índice médio da região do Vale do Paranhana é de 0,819, sendo as duas regiões classificadas como de nível alto neste setor. Também, neste caso, os resultados individuais mais significativos são alcançados pelas cidades da região da Serra. Todas as 32 cidades da Serra apresentam números superiores as seis cidades da Região do Vale do Paranhana.

Na comparação com o restante do Estado, também no bloco Saúde, a posição dos municípios da região do Vale do Paranhana também é desfavorável, uma vez que a melhor colocação alcançada foi a de Riozinho (260º lugar), e a segunda melhor foi a cidade de Rolante (312º lugar). Já na região da Serra, das 32 cidades, os dois piores desempenhos são representados pelas cidades de União da Serra (238º lugar) e Nova Prata (170º lugar), apresentando estas, ainda índices superiores aos das cidades do Paranhana.

No bloco Educação, a diferença de média entre as duas regiões é um pouco mais significativa. A região da Serra apresenta o índice médio de 0,766, enquanto que na região do Vale do Paranhana, o índice médio de educação é de 0,696. Ambas se encontram classificadas no nível médio.

No comparativo do ranking do bloco Educação, na região do Vale Paranhana todas as cidades encontram-se abaixo da 200º posição, sendo que as mais bem colocadas são as cidades de Rolante (208º lugar) e Taquara (240º lugar). Por outro lado, na Região da Serra, 20 das 32 cidades encontram-se entre as 100 melhores do ranking estadual, e destas, 5 se encontram entre as 10 mais bem posicionadas.

Por fim, chegando ao bloco Renda, verifica-se que a disparidade entre as duas regiões é ainda maior. Enquanto a região da Serra apresenta o índice de renda médio de 0,762, na região do Vale do Paranhana este índice chega somente a 0,696. Ao avaliar individualmente, cada cidade, os resultados mais significativos são os das cidades da região da Serra. Das 32 cidades, 11 delas apresentam índices superiores a 0,800, se enquadrando como cidades com nível alto de renda, enquanto que a cidade da região do Vale Paranhana com maior índice de renda é Igrejinha (0,739), seguida pela cidade de Três Coroas (0,687), ambas se se enquadrando como cidades com nível médio de renda.

Observando as posições no ranking estadual do Bloco Renda, é interessante observar que várias das cidades que assumem as posições no topo do ranking (cidades da região da Serra) possuem aspectos e tamanho populacional semelhante as que encontra-se no final do ranking estadual (cidades da região do Vale do Paranhana): Cidades da região da Serra: Carlos Barbosa, 28.793 habitantes, 2º lugar, índice de renda médio 0,913; Garibaldi, 34.141 habitantes, 13º lugar, índice de renda médio 0,861; Veranópolis, 24.120 habitantes, 27º lugar, índice de renda médio 0,822. Cidades do Vale do Paranhana: Igrejinha, 34.909 habitantes, 124º lugar, índice de renda média 0,739; Três Coroas, 26.046 habitantes, 223º lugar, índice de renda médio 0,687; Rolante, 21.291 habitantes, 298º lugar, índice de renda médio 0,644.

Ainda, para reafirmar a disparidade do desenvolvimento econômico das duas regiões, fez-se também um comparativo das médias dos resultados do IDESE das regiões com a média do estado do Rio Grande do Sul (Tabela 6).

Tabela 6 - Índice de desenvolvimento socioeconômico - Comparativo entre as regiões e o Estado [2016]

Especialidade	Bloco Educação	Bloco Renda	Bloco Saúde	IDESE
Rio Grande do Sul	0,710	0,732	0,819	0,754
Serra	0,766	0,762	0,895	0,808
Paranhana	0,696	0,651	0,819	0,722

Fonte: Idese RS (2016).

A região da Serra apresenta resultados superiores as médias estaduais, o que ocorre de forma contrária na Região do Vale do Paranhana. No índice IDESE geral, a Região da Serra apresenta um índice de 0,808 que é bem superior ao índice estadual de 0,754, enquanto que a

região do Vale do Paranhana está com um índice médio de 0,722, abaixo da média do estado. O bloco Saúde foi o único em que o índice da região do Vale do Paranhana é igual ao do Estado (0,819), ambos inferiores ao da Região da Serra que é de 0,889. Esse fato comprova a constatação de que a saúde foi o índice em que os seis municípios da região do Vale do Paranhana apresentaram o melhor desempenho.

No bloco Educação, os índices são desfavoráveis a região do Vale do Paranhana. A região apresenta um índice de 0,696, que é menor do que a média estadual (0,710), e do que a média da região da Serra (0,766), que supera a média do Estado.

O mesmo panorama pode ser atribuído ao bloco Renda, onde a diferença é ainda maior, já que o Vale do Paranhana (0,651) apresenta uma média significativamente mais baixa em comparação a média estadual (0,732) e a média da região da Serra (0,762).

Em um panorama geral, no que se refere aos indicadores de desenvolvimento econômico, a diferença de desenvolvimento econômico é nítida, sendo esta positiva para a Região da Serra em comparação com a região do Vale do Paranhana e também em relação ao Rio Grande do Sul, e negativa para a região do Vale do Paranhana em relação a região da Serra e também ao Estado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a relação entre a especialização produtiva e o desenvolvimento econômico da Região do Vale do Paranhana. Os resultados a respeito da dinâmica produtiva da região comprovam que a indústria da região do Vale do Paranhana é sustentada pelo setor coureiro calçadista, evidenciando a especialização produtiva.

Em virtude do que foi mencionado no aporte teórico verificado na primeira parte deste estudo, é importante salientar que o desenvolvimento econômico local deve ser visto não simplesmente como a aumento de renda, mas principalmente como o aumento da qualidade de vida da população.

Na análise da correlação entre os indicadores econômicos e a especialização e a diversificação produtiva, foi possível detectar que a diversificação produtiva pode ser sim um fator determinante para o desenvolvimento econômico. Em um aspecto geral, verificou-se que os indicadores econômicos são muito mais favoráveis na Região da Serra Gaúcha, onde a economia é diversificada.

As cidades da região do Vale do Paranhana, cuja indústria é mais especializada, apresentam índices mais baixos nos indicadores referentes a saúde, educação e renda. Por outro lado, onde a economia é diversificada (Região da Serra), esses indicadores apresentam valores mais elevados, o que as caracteriza como mais desenvolvidas economicamente.

Como limitação do trabalho, destaca-se a indisponibilidade de dados relacionados aos indicadores de IDHm e do Índice de Gini, uma vez que a última relação de dados disponível para consulta é referente ao ano de 2010 (último senso do IBGE), o que torna seu uso inviável, considerando-se a desatualização dos mesmos. Cabe ainda ressaltar que, apesar de o estudo apontar para uma superioridade dos indicadores da região da Serra em relação aos da região do Vale do Paranhana, não é possível afirmar que isto seja resultado somente da estrutura produtiva da região. Estudos mais aprofundados são necessários, especialmente porque as regiões também possuem características muito distintas. No entanto, espera-se que este trabalho sirva como base para outros estudos relacionados as consequências da especialização produtiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATLAS SOCIOECONÔMICO RIO GRANDE DO SUL. **Indicadores Sociais: Índice de Desenvolvimento Socioeconômico – IDESE** (2019). Disponível em: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/indice-de-desenvolvimento-socioeconomico-novo-ide-se>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

BASSAN, Dilani Silveira. Alguns aspectos teóricos do desenvolvimento com o olhar na região do Vale do Paranhana. **RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico**, v. 16, n. 29, 2014.

BREITBACH, Áurea CM. Entre especialização e diversificação industrial: por um desenvolvimento regional durável. **Perspectiva Econômica**, v. 1, n. 2, p. 1-30, 2005.

BRITTO, Jorge. Características estruturais dos clusters industriais na economia brasileira. **Nota técnica**, v. 42, n. 00, 2000.

DALBERTO, Cassiano Ricardo; CIRINO, Jader Fernandes; STADUTO, Jefferson Andronio Ramundo. Especialização versus diversificação: economias de aglomeração e seus impactos sobre os salários industriais em Minas Gerais. **Gestão & Regionalidade**, v. 32, n. 95, 2016.

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (DEE). **Portal Demográfico do DEE**. Disponível em: <<http://visualiza.dee.planejamento.rs.gov.br/populacao/>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

FONSECA, João José Saraiva. Metodologia da Pesquisa Científica. 2002.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER - FEE. **Idese (2019)**. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/indicadores/indice-de-desenvolvimento-socioeconomico/>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER - FEE. **Metodologia Idese – 2015**. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/indicadores/indice-de-desenvolvimento-socioeconomico/metodologia/>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

GALVÃO, Cláudia Andreoli. **Sistemas industriais localizados: o Vale do Paranhana-complexo calçadista do Rio Grande do Sul**. 1999.

GARCIA, Renato. Economias externas e vantagens competitivas dos produtores em sistemas locais de produção: as visões de Marshall, Krugman e Porter. **Ensaio FEE**, v. 27, n. 2, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Editora Record, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Classificação nacional de atividades econômicas - CNAE**. Disponível em:

<<https://cnae.ibge.gov.br/?view=atividades>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

JORNADA, Maria Isabel Herz. Diversificação versus especialização: apontamentos sobre o emprego e produto do Vale do Taquari, nos anos 90. **Indicadores Econômicos FEE**, v. 30, n. 3, p. 139-158, 2002.

OLIVEIRA, Lívio. **Idese Indicadores Sociais: Origens e Evolução (Idese and Social Indicators: Origins and Evolution)**, 2013.

PAIVA, Carlos Águedo Nagel. Desenvolvimento regional, especialização e suas medidas. **Indicadores Econômicos FEE**, v. 34, n. 1, p. 89-102, 2006.

VALE DO PARANHANA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Vale_do_Paranhana&oldid=55972950>. Acesso em: 12 ago. 2019.

PASSOS, Carlos Roberto Martins; NOGAMI, Otto. **Princípios de economia**. Cengage Learning, 2009.

SCHERER, WJG; MORAES, S. L. Análise Locacional as Atividades Dinâmicas do Estado do Rio Grande do Sul. In: VI Encontro de Economia Gaúcha. 2012.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento econômico**. Atlas, 1999.

TEBCHIRANI, Flávio Ribas. **Princípios de Economia-micro e macro**. Editora Ibpe, 2011.

TOIGO, Andressa Reis. Uma análise da especialização e diversificação das atividades econômicas das cidades brasileiras no ano 2011. 2014. 79 f. Dissertação (Mestrado em Economia do Desenvolvimento) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014

VALENTINI, Paulo Juliano Zanin. Estrutura produtiva e crescimento econômico nas regiões do Rio Grande do Sul, 1996-2005. 2008. 96 f. Dissertação (Mestrado em Economia do Desenvolvimento) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VASCONCELLOS, Marco Antônio S.; GARCIA, Manuel E. **Fundamentos de economia**. São Paulo: Saraiva, v. 2, 1998.

VIEIRA, Anderson Nunes de Carvalho. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. 2013. Disponível em: <<https://andersonvieiranunes.jusbrasil.com.br/artigos/447763946/teoria-do-desenvolvimento-economico>>. Acesso em: 01 nov. 2019.